

SIMPOETS, CEFET-GO, 01-14, 2008

VIDA DE AVENTURA: PERFIL DOS MOCHILEIROS DOS CURSOS DE PLANEJAMENTO TURÍSTICO E HOTELARIA DO CEFET- GO

Ana Caroline da Silva Rodrigues¹
anacarolgyn23@hotmail.com

Caroline Gonçalves¹
carolzinha2d@hotmail.com

Mariana Inocêncio Oliveira Melo¹
mariinocencio@gmail.com

¹Alunas do Curso Tecnólogo em Planejamento Turístico e Hospitalidade do CEFET-GO

Marilda Rodrigues da Silva e Sousa
Mestranda em Educação, professora orientadora
msousa@cefetgo.br
Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás- Goiânia

RESUMO: O presente artigo apresenta reflexões sobre cultura, seus desdobramentos e especificações, em um eixo da análise social e cultural dentro do turismo sob a ótica do mochileiro. Fez-se necessário definir cultura e suas dimensões, para apresentar tudo o que ela engloba dentro de um povo, em uma região. O principal objetivo é abordar as características do turista mochileiro, aquele que viaja sem muito planejamento, pouco dinheiro e está em busca de contato social, em diferentes lugares. Para tanto, foi necessário buscar informações de quem já o praticou e assim obter respostas para caracterizá-lo e discutir sobre suas diferentes formas de conhecer lugares e pessoas. O mochileiro sai de sua casa em busca de aventura, de algo que dê motivação para conhecer seus limites, conhecer a si mesmo e abdicar do luxo.

Palavras-chave: cultura, turismo, mochilismo.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda como a cultura influencia a vida das pessoas que viajam, em específico a dos mochileiros, e para isso foram entrevistados estudantes e professores do curso de Turismo e Hotelaria do CEFET - GO – Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás, e a partir de suas reflexões e vivências em suas viagens podemos caracterizar esse tipo de viajante.

Os mochileiros, como viajantes que organizam suas viagens por conta própria, fazem apenas um breve planejamento do local a ser visitado, com poucas informações, porém as consideram importantes. Portanto, este tipo de turismo se diferencia do turismo tradicional, visto que este possui características e influências do mercado turístico, que oferece guia turístico, hotel e um completo roteiro de viagem. Mostraremos assim, que estas viagens feitas por mochileiros sofrem grande influência cultural e que adquirem crescimento pessoal. O contato social nesse tipo de viagem é muito forte, ao contrário das viagens “empacotadas”.

A discussão deste estudo está centrada na visão do mochileiro e aborda questões como, o objetivo da viagem, os motivos que o levou a praticar o mochilismo, as formas de locomoção e a hospedagem, a partir de relatos das experiências vivenciadas.

Para que o artigo fosse melhor desenvolvido, foi necessário a pesquisa qualitativa e o método etnográfico, e apresenta alguns relatos de pessoas que vivenciaram na prática momentos de aventuras a partir de viagens com pouco planejamento e dinheiro.

1. DESENVOLVIMENTO E DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS

Quem é o mochileiro?

A discussão deste artigo está centrada nos turistas mochileiros (Figura 01), os *backpackers* termo utilizado em inglês, que são viajantes que organizam suas viagens por conta própria, dando ênfase ao conhecimento, à aventura e à diversão, enfim conhecer locais e pessoas de culturas diferentes. Geralmente são estudantes que querem conhecer o mundo sem gastar muito dinheiro e seu transporte, na maioria das vezes, é realizado através de carona, ou mesmo a pé (Figura 02), mas utiliza também ônibus, trens e aviões, sendo que o último é geralmente usado quando o destino de seu trajeto é em outro país. “É uma denominação literal para descrever turistas que viajam de forma independente e econômica, aqueles que escolhem quais atrativos a serem visitados, os meios de locomoção a serem utilizados, os locais de hospedagem, e muitas vezes se abdicam do luxo e conforto” (www.jornallivre.com.br, 2008).



Figura 01: Turistas mochileiros
Fonte: CINTRA, Renato (julho de 2008).



Figura 02: Mochileiros a pé, a espera de carona.
Fonte: CINTRA, Renato (julho de 2008).

Pelos dados adquiridos na pesquisa, foram constatados vários conceitos de mochileiro de acordo com o ponto de vista de cada entrevistado. Para Eduardo¹, “ser mochileiro é apostar em um novo futuro para o turismo, nada muito turístico, algo mais natural, algo mais aberto ao lugar não o que a gente quer, mas aberto ao que o lugar oferece para a gente” (informação oral). Ésio² também afirma que o “mochileiro é uma pessoa que tem desejo por aventura, que gosta de desafio, conhecer lugar diferente, que não preocupa muito com o luxo é movido mais pelo desafio, desejo de conhecer alguma coisa (informação oral). De modo semelhante Marcus³ afirma que essa viagem de aventura é o “contato com a cultura, aprende a aproveitar mais o lugar de uma forma diferenciada, juntamente com as pessoas que estão em volta” (informação oral).

Com destaque no sentido de viajar e conhecer a cultura e assim, adquirir crescimento pessoal, pode-se observar que Machado (2001) cita uma definição de Cecília Meireles, poeta brasileira, destacando o papel da viagem para ela:

porque viajar é ir mirando o caminho, vivendo-o em toda a sua extensão e, se possível, em toda a sua profundidade, também. É entregar-se à emoção que cada pequena coisa contém ou suscita. É expor-se a todas as experiências e todos os riscos, não só de ordem

¹ Eduardo- Estudante do curso de Planejamento Turístico do CEFET - GO, mochileiro entrevistado com destino a Paraúna-GO.

² Ésio- Estudante do curso de Planejamento Turístico do CEFET- GO, mochileiro entrevistado com destino a São Luís- MA.

³ Marcus- Professor de línguas do curso de Planejamento Turístico e Hotelaria do CEFET- GO, mochileiro entrevistado com destino a Buenos Aires-ARG.

física, sobretudo, de ordem espiritual. Viajar é outra forma de meditar.

Como pode ser visto nas falas acima, viajar é sentir o destino de todas as suas maneiras, sem “capa” nenhuma, para ser descoberto com suas histórias e sua gente. É aprender o lugar e viver o lugar.

Segundo Labate (2000, p.66), diante de uma pesquisa feita com onze (11) pessoas em Lençóis (BA), em à nove (9) são europeus, um americano e uma israelense. Com relação aos objetivos dos entrevistados, a maioria afirmaram que não planejou nada de sua viagem. “Fica evidente na pesquisa que esse tipo de turista não planeja muito sua viagem, apenas a rota a ser adotada para chegar ao destino e alguns atrativos a serem visitados e destacaram que esse tipo de viagem é como uma espécie de jornada para dentro de si mesmo, uma forma de autoconhecimento, mas também de conhecer ao outro, fato confirmado diante dos vários mochileiros estudarem o idioma local” (Op. Cit., p. 66).

O mochileiro possui uma bagagem específica que é: uma mochila, poucas roupas, uma bolsa de fácil acesso com produtos de higiene pessoal, cartão de crédito, alguns levam sacos de dormir, barracas e lençóis (Figura 03).



Figura 03: Bagagem do mochileiro
Fonte: CINTRA, Renato (julho de 2008).

Diante desses aspectos, Labate (2000, p. 69-70), destaca:

Enfim, a própria bagagem é expressão da ambigüidade constante entre o *estar lá* e o *estar cá* que permeia esse estilo de viagem, tentando combinar recursos que permitam maior inserção no meio local (como o hábito, para muitos deles, de dormir em redes, no Nordeste do Brasil, e o curto orçamento de viagem), sem abrir mão de certos confortos da vida em casa (como a saúde, a higiene e o cartão de crédito para situações de emergência).

Conceitos sobre cultura / turismo

A cultura é toda forma específica de ser de um povo, que vai ao longo do tempo adquirindo formas e expressões diferentes e onde estes se relacionam entre si. Ela influencia a vida das pessoas e da comunidade e está ligada no deslocamento dos indivíduos de um lugar habitual a outro temporal com cultura totalmente diferente da sua, que aqui denominamos turistas, desenvolvendo assim um intercâmbio cultural.

Falar de povo é falar de um cotidiano como processo:

A cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam (HORTA & et. al., 1999, p. 07).

O Patrimônio Cultural não se resume em apenas objetos históricos, artísticos e centros históricos que são protegidos pelo governo e instituições. Existem outras formas de expressão cultural, que estão em direto contato com os turistas que constituem o patrimônio vivo, que são as tradições, hábitos, costumes e manifestações das populações locais estimulando assim, a atuação do turismo em beneficiar e verificar interesse destes residentes visitados.

O patrimônio vivo é constituído por: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosos e populares, as relações sociais e familiares (HORTA & et. al., 1999, p. 07).

Segundo Irving e Azevedo (2002), a expressão turismo cultural contém função muito densa de elementos diferenciais, o que pode ser percebido pelo próprio

designativo de seus termos componentes: turismo, significado, a busca de diferenças; e cultura, representando o código mais profundo que revela o modo de ser de uma dada sociedade:

(...) o turismo cultural lida com dois elementos básicos: a identidade dos povos e, também, por consequência (e até em razão do princípio de alteridade que lhe é inerente), a diversidade cultural. A motivação central corresponde à busca do conhecimento, busca essa que envolve satisfação da curiosidade, inclusive em relação ao patrimônio humano (p. 151).

A partir destes dados apresentados os turistas mochileiros podem ser um perfil de clientela muito específica, pois na pesquisa com os mesmos, um forte destaque para o tipo de turismo praticado foi a busca do conhecimento de diferentes culturas, através do modo de viver, história, costumes, hábitos alimentares e musicais e muitas outras características que representa cada povo. Assim, ocorre o aprendizado de novas práticas e comportamentos, pelo intercâmbio e interação de experiências com as comunidades locais, desenvolvendo a prática de respeito e preservação desta população. Segundo MacCannel (apud BANDUCCI; BARRETO, 2001, p. 22) “numa sociedade estruturada na experiência fragmentadora da divisão do trabalho, o turismo aparece como uma busca pela autenticidade, a ser encontrada em outras culturas”. O mochileiro busca a essência do local, ele vai ao encontro desse conhecimento através do contato social e da vivência dessas culturas.

A visão do mochileiro sobre a cultura local e suas experiências na viagem

A pesquisa empírica ocorreu com a delimitação da busca de mochileiros na instituição de ensino CEFET-GO, com alunos e professores dos cursos de Planejamento Turístico e Hotelaria.

O instrumento metodológico de pesquisa utilizado foram entrevistas, por meio de questionários semi-estruturados e gravação dos mochileiros, sendo um total de 6 e todos do sexo masculino⁴.

Dos resultados obtidos teve-se a presença de dois mochileiros com viagem fora do Brasil, enquanto quatro dentro do país. Os mochileiros com viagens a

⁴ Nos cursos de Planejamento Turístico e Hotelaria, há preponderância de estudantes do sexo feminino, porém com a nossa pesquisa, destacamos que a prática do mochilismo ocorreu apenas com homens.

destinos brasileiros foram: São Luís-MA, Arraial D'Ajuda-BA, Palmas-TO e Paraúna-GO e em outro país: Buenos Aires - ARG e Patagônia - CHL, todos tiveram influência cultural do lugar, porém com diferentes visões, segundo eles.

Nas entrevistas, no que se diz respeito a hospitalidade do lugar visitado, todos foram bem recebidos e acolhidos pelos moradores. Isto ocorre porque, possivelmente, esse tipo de turista é mais aceito dentre a população receptora, por ser um turismo mais participativo, e mais centrado em conhecer o lugar do que utilizá-lo apenas como objeto de lazer e diversão.

Perfil dos mochileiros dos cursos de Planejamento Turístico e Hotelaria do Cefet - Go

O estudante Ésio Rocha, 30 anos, do curso de Planejamento Turístico com destino a São Luís no período de julho de 2008 com duração de 21 dias, praticou o mochilismo com intuito de conhecer a cidade, seus pontos turísticos, sua cultura e folclore. Ele afirma ter sido levado pelo desejo de aventura e de se conhecer melhor diante dos desafios encontrados durante o trajeto e no local, como por exemplo, a economia de dinheiro e abdicação do luxo.

Diante do relato pode-se afirmar segundo Labate (2000), a viagem, portanto, é vista não como uma atividade apenas de lazer ou de ruptura com o cotidiano, mas como uma experiência de conhecimento do outro e da natureza e, ao mesmo tempo, como forma de autoconhecimento. Frente à cultura do lugar o estudante vivenciou várias características peculiares do local, tais como: o contraste visível da pobreza e da riqueza; o trabalho infantil nas estradas (Figura 04); o folclore; o transporte feito por “caminhões pau-de-arara” (Figura 05); a construção de casas de madeira no manguezal, a má higiene neste local devido a grande quantidade de lixo; a falta de conscientização da população em relação a preservação do patrimônio histórico da cidade.



Figura 04: Trabalho infantil.
Fonte: ROCHA, Ésio (julho de 2008).



Figura 05: Caminhões pau-de-arara
Fonte: ROCHA, Ésio (julho de 2008).

Fica claro, diante desta vivência de Ésio, a relação do turismo como fator de aproveitamento e enriquecimento do patrimônio cultural da humanidade (Figura: 06), que essa atividade permite a sobrevivência e o progresso da produção cultural e artesanal tradicional, assim como do folclore (Figura: 07), e que esta esteja sempre ligada à comunidade local, e não um espetáculo somente para o turismo.



Figura 06: Patrimônio cultural da humanidade.
Fonte: ROCHA, Ésio (julho de 2008).



Figura 07: Folclore.
Fonte: ROCHA, Ésio (julho de 2008).

O estudante Deryk Vieira Santana, 19 anos, com destino a Arraial D' Ajuda, teve como motivo maior para sua viagem o espírito de aventura que o trajeto traria. Para a realização desta, ele fez um pequeno planejamento, apenas das cidades mais interessantes a seu ver, no seu trajeto.

Em relação à aventura, o dicionário Aurélio conceitua como: ¹ experiência arriscada, perigosa, incomum, de finalidade ou decorrência incertas, ² acontecimento imprevisto, surpreendente; peripécia.

Segundo Krings,

(...) aventurar-se pode ser resumido como alguém que: utilizando seus próprios meios, após um planejamento consciente, a partir em uma data adequada, vai para algum local que se quer explorar e conhecer no qual o incógnito, a imprevisibilidade, a surpresa da descoberta, a contemplação e aprendizado da cultura local tenham lugar. Imaginando um período provável de retorno. Trazendo de volta o conhecimento e a experiência como um crescimento pessoal em todos os sentidos.

Como destaque de sua viagem Deryk enfatizou a carona como elemento importante na aventura, por ter passado por situações diferentes e até mesmo engraçadas, como por exemplo: um motorista ex-presidiário e ouvir pré julgamento de que ele e seu amigo eram gays. Tudo isso, proporcionou a Deryk conhecer novas pessoas e uma forma diferente de apreciar o Brasil nessa aventura.

João Paulo de Matos Moura, estudante de Planejamento Turístico, 21 anos, tinha como destino Palmas- TO, porém nenhum dinheiro, apenas alguns sabonetes para vender e/ou trocar por comida. Caracterizando a idéia de que muitos mochileiros vão com pouco ou nenhum dinheiro, e assim usam alternativas para poupá-lo e/ou gerá-lo de forma que seja suficiente para se manter durante a viagem. Apesar da falta de dinheiro João foi motivado a praticar o mochilismo pela curiosidade de saber como é pegar carona na BR, e também a necessidade de buscar sua mãe.

Diante da experiência vivida ele afirma que pegar carona na BR é onde “você descobre quem você é, o mundo que você vive, quais são as suas relações com o mundo” e ainda mais “a melhor faculdade do mundo é a BR, você aprende um monte de coisa na beira da estrada”.

Foi percebido nas entrevistas que a carona no Brasil não é muito praticada. Ainda há uma desconfiança quando se diz respeito a quem vai dar carona, devido a assaltos, principalmente a caminhoneiros. O mochileiro usa dessa alternativa com o intuito de poupar dinheiro, ou até mesmo, pela a aventura que isso pode te proporcionar. É uma característica bem marcante deles, pois a economia de dinheiro é muito importante para poder continuar a viagem. O perigo nas estradas é uma característica marcante, ressaltando a idéia da pouca presença feminina na atividade turística de mochilismo.

A vivência cultural, de João, foi o contato direto com as pessoas que viajam constantemente, e as que vivem e trabalham na beira da estrada, percebendo que estas dão importância a vida dos viajantes, suas histórias e motivos da viagem.

Eduardo Vieira Andrade Xavier, 24 anos, também estudante de Planejamento Turístico, teve como destino Paraúna, permanecendo duas semanas. O motivo para escolha do local foi impulsionada pela vontade de conhecer a “ponte de pedra”, já a prática do mochilismo segundo ele “é a quantidade de lugar que posso conhecer e a quantidade de dinheiro que vou gastar com isso, a relação custo benefício, gasta muito menos que uma viagem mais empacotada”.

Urry (1996) argumenta que:

(...) do modo como o sistema turístico está estruturado na sociedade contemporânea o turista é inserido num mundo extremamente circunscrito. Os viajantes são protegidos da realidade com a qual mantêm contato pelos agentes de turismo. O contato superficial com as culturas, mais do que revelar, intensifica a visão estereotipada dos visitantes (p. 24).

Para Eduardo, o mochilismo vem como um novo produto dentro do turismo, aquele diferente dos pacotes, permitindo que você se conheça melhor, seus limites, através do que o lugar tem para oferecer. Esta idéia é baseada em seu objetivo onde ele diz:

o motivo é mais espiritual do que religioso, ligado ao pessoal, com a sensação de objetivo alcançado, que você foi, viu, conseguiu voltar é uma sensação que entra no crescimento, não religioso, mas espiritual, de conhecimento porque acontece coisa com a gente que não está esperando, e aparece ajuda na hora que a gente está mais precisando.

O estudante enfatiza que esse objetivo espiritual se realizou, devido o contato com moradores locais, através da convivência com os mesmos, dentro e fora de suas casas.

Marcus Augustus Pereira, professor do curso de Turismo e Hotelaria, 38 anos, com destino a Buenos Aires e permanência de 10 dias. Teve como objetivo de sua viagem o aprendizado cultural, pois ele considerada Argentina, uma cidade com muita variedade de teatros, cinemas, balés e óperas.

A cultura é um fator de imensa relevância para este tipo de turista. Esse contato com a cultura do lugar dá a idéia de estarem vivendo o lugar e não apenas olhando, como geralmente faz o turista.

Labate (2000, p. 74), ressalta que os principais motivos dos mochileiros ao qual a autora denomina “viajantes-turistas”, através do gráfico abaixo:

TURISTA/TIRAR FÉRIAS	VIAJANTE/VIAJAR
Relaxar do trabalho	Aprender sobre outras culturas
Pouco tempo	Muito tempo
Muito dinheiro	Pouco dinheiro
+ jovem ou + velho	Jovem
Organizado	Inesperado
Padronizado	Pessoal
Conforto	Aventura
Chato	Divertido

Figura 08: Características do turista/férias e do viajante/viajar.

Fonte: Labate, 2000. Olhares contemporâneos sobre o turismo

De acordo com a prática do mochilismo, o meio de hospedagem mais usado é o albergue. O professor Marcus relatou o que para ele significa se hospedar em um albergue: “no hotel você não tem contato com as pessoas, somente na hora do café da manhã e no elevador, já no albergue as pessoas tem um comportamento diferenciado, elas são mais abertas a conversa, a troca de informações e idéias”.

De todos os meios de hospedagem, o mais utilizado pelos mochileiros é o albergue, que além de ter um custo mais acessível, é o local onde se tem oportunidade de conhecer pessoas de diferentes lugares, conviver, conversar, trocar idéias e experiências. Um albergue possui quartos coletivos, separados ou não por sexo, normalmente equipados com beliches. Áreas como sala, cozinha e lavanderia são de uso comunitário. São conhecidos como albergues da juventude, porém não são, necessariamente, só para jovens. A carteirinha do alberguista é disponibilizada para pessoas de qualquer faixa etária. (www.revistaturismo.com.br, 2008)

São vários os albergues que possuem um *lounge*, ou seja, uma sala em comum a todos os hóspedes, onde possam conversar e trocar idéias. Alguns albergues oferecem uma agenda com várias atrações do lugar.

Renato Cintra, 23 anos, estudante do curso de Planejamento Turístico, teve como destino Patagônia - CHL, sua viagem durou 30 dias do mês de julho de 2007. Seu planejamento foi todo feito pela *internet*, o roteiro a seguir e lugares a serem visitados, como ele mesmo afirmou: “eu quero chegar em tal lugar, é o ultimo destino

da minha viagem, só que, aí durante esse destino eu vou colocando várias coisas no meio, por exemplo, se eu for passar em Santiago, ah!, que eu vou conhecer em Santiago? Vou ficar num albergue, vou ao museu...”.

Seu objetivo, como o da maioria, era a questão cultural e histórica da cidade, a vontade de conhecer outros povos, como também o querer se aventurar por lugares inóspitos. Seu mochilismo foi caracterizado por uma viagem mais longa, onde pôde passar por várias cidades e situações. Para Renato, ser mochileiro é gostar de cultura, é viajar com pouco dinheiro e mesmo assim aproveitar o máximo da viagem. Em seu relato diz que não gastou dinheiro com festas, bebidas e sim com museus, comidas, albergues, deixando claro a característica desse viajante.

O contato com a cultura do lugar foi muito rica, apesar de afirmar que muitos hábitos são parecidos com o do Brasil, pelo tempo permanecido no país. Como já havia visitado outros países destacou que o Peru e a Bolívia são mais diferentes da cultura do Brasil, tanto a comida, a língua, a música, etc., por isso não teve dificuldades em se comunicar e conhecer o Chile. Os transportes usados também foram ônibus, trem e carona.

Segundo Irving e Azevedo (2002), a diversidade cultural soma peculiaridades únicas: preservação da unidade de língua, miscigenação racial ímpar, sincretismo religioso singular e, acima de tudo, cultura popular incrivelmente forte. Portanto, mesmo a cultura ser parecida, nunca é totalmente igual, sempre há diferenças entre elas.

2. Conclusão

A pesquisa mostrou que a prática do mochilismo é uma nova forma de se fazer turismo, de se viajar e conhecer novos lugares, de viver a cultura e participar do convívio social. A pesquisa de campo com os questionários foi ferramenta indispensável para a compreensão de alguns fatores, como as aceitações dos moradores locais em relação a esses aventureiros, que utilizam apenas de uma mochila nas costas, pouco dinheiro e muita vontade de conhecer e aprender com eles. Ou seja, um turismo diferente daquele que estamos acostumados, com tudo organizado, com horários definidos, atrações e lugares a serem visitados.

Por que, diante do total dos entrevistados, não há a prática do mochilismo entre as mulheres? Concluímos que pela falta de segurança em viajar sozinha, a mulher nessa atividade é um pouco tímida, mas não quer dizer que não exista.

De forma conclusiva, podemos afirmar que o mochileiro é um turista que aprende e passa a conhecer bastante o local visitado, pois ele procura estar diretamente em contato com a população local, conhecendo seus costumes, valores, crenças, comida, linguagem, enfim tudo o que pode lhe contribuir para conhecer essa cultura.

No entanto ficou à tona a seguinte impressão: o mochileiro aproveita o mundo exterior do lugar, mas a sua viagem, nos pareceu, sobretudo ao mundo interior. Não há uma preocupação com organização. Se houve planejamento, foi muito pequeno. Seus meios de transportes também não variaram, todos usaram algo em comum, como ônibus e carona. Podemos afirmar que há um diferencial desse tipo de viajante, em relação do turista de massa, é que o primeiro busca conhecer-se, explorar-se interiormente, espiritualmente, ao passo que o segundo procura explorar o lugar, fotografá-lo, consumi-lo.

REFERÊNCIAS

AVENTURA. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2008.

FREITAS, Claudenilson. *O que é mochileiro?* 2008. Disponível em:

http://www.jornallivre.com.br/noticia/?nr_pg_atual=10&id=155702.

Acesso em 29 set. 2008.

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

IRVING, M. de A.; AZEVEDO J. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura, 2002.

KRINGS, Marcelo. *Afinal o que é aventura?* Disponível em:

[http://webventure.ig.com.br/corridadeaventura/index.php?](http://webventure.ig.com.br/corridadeaventura/index.php?destino_comum=noticia_mostra&id_noticias=3755)

[destino_comum=noticia_mostra&id_noticias=3755](http://webventure.ig.com.br/corridadeaventura/index.php?destino_comum=noticia_mostra&id_noticias=3755) Acesso em: 01 de out. 2008.

MACHADO, Lucia Helena Monteiro. *As viagens e o dom da curiosidade*. 2001.

LABATE, Beatriz Caiuby. A experiência do “viajante-turista” na contemporaneidade. SERRANO, C. BRUHNS, H. T.; LUCHIARI, M. T. D. P. (Org.) *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas, SP: Papyrus, 2000. (Coleção Turismo).

URRY, John. *O olhar do Turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel/Sesc, 1996.